

O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO DIALETO POPULAR DE FEIRA DE SANTANA

Jaqueline Macedo Almeida¹

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eu.jaqueline@hotmail.com
2. Orientador(a): Dra Norma Lúcia Fernandes de Almeida, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: norma.uefs@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Língua falada; variantes; Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

A variação existente na língua falada tem chamado a atenção de muitos estudiosos da Sociolinguística. Com a possibilidade de sistematização dessa modalidade, surgiram novas pesquisas que têm como objeto de estudo o que Tarallo (1997) chama de “...o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social do tipo comunicação face a face”. Essas pesquisas têm demonstrado diferenças significativas, principalmente na análise da forma de retomada do objeto direto anafórico em estudos comparativos, como o de Cyrino (1993), entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE). Com o objetivo de verificar o comportamento do Objeto Direto Anafórico no Dialeto Popular de Feira de Santana, e trazer resultados que mostrem a relação entre língua e sociedade e sobre como a língua varia de acordo com fatores sociais e linguísticos, foram analisadas estruturas com objeto direto anafórico com a finalidade de verificar as mais e as menos utilizadas, e estabelecer quais os fatores linguísticos e sociais influenciam no uso das diferentes variantes, levando-se em consideração para tal as quatro estratégias de realização do Objeto Direto Anafórico: objeto nulo, pronome lexical ele, clítico, SN anafórico, analisando como os fatores linguísticos e sociais influenciam a realização dessas variantes. Os fatores sociais considerados foram faixa etária e gênero, e os fatores linguísticos tipo de oração e natureza do referente (+ animado – animado).

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho, foram utilizados livros, áudio de entrevistas, e entrevistas transcritas com informantes do dialeto popular de Feira de Santana, com esses materiais foram feitos além das leituras e discussões necessárias a uma base teórica, revisão de transcrição, leitura de entrevistas e extração de dados do corpus. Tendo em vista a importância do modelo de análise proposto por Labov para o alcance de resultados satisfatórios em uma pesquisa sociolinguística, foi utilizada para análise dos dados a metodologia da Sociolinguística Quantitativa laboviana, (Labov 2008 [1972]).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Na etapa final da investigação sobre o uso do Objeto Direto Anafórico no Dialeto Popular de Feira de Santana, os dados codificados foram submetidos ao pacote de programas de análise quantitativa Varbrul, e foram obtidos os seguintes resultados em relação às ocorrências das variantes: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo.

Tipo de estratégia	Clítico	SN	Pronome lexical	Objeto nulo
	1/341 0,3%	34/341 10%	16/341 4,7%	290/341 85%

Tabela 1: Resultado geral das estratégias de objeto anafórico utilizadas por feirenses.

A tabela 1 mostra uma maior ocorrência da forma padrão, clítico acusativo com uma porcentagem de 0,3%, contrastando com o uso da forma não-padrão, objeto nulo. Embora a utilização da forma padrão SN, 10%, tenha sido maior do que a da forma não-padrão, pronome lexical, 4,7%, o uso de estratégias padrão, ou seja, o clítico acusativo e o SN anafórico juntos ficaram em torno de 10% do total de dados o que mostra a preferência pela utilização da forma não padrão por parte dos falantes.

Tipo de estratégia/ faixa etária	Clítico	SN	Pronome lexical	Objeto nulo
Faixa 1	0/0	14/148 10%	05/148 3%	129/148 87%
Faixa 2	0/0	9/76 12%	4/76 5%	63/76 83%
Faixa 3	1/117 1%	11/117 9%	7/117 6%	98/117 84%

Tabela 2: Uso de estratégias de objeto anafórico, entre feirenses, de acordo com a faixa etária.

Observando-se os tipos de estratégia de realização de objeto em cada uma das três faixas etárias, na tabela 2, entende-se que o clítico acusativo, da forma padrão, não foi utilizado nas faixas 1 (25 a 35 anos) e 2 (45 a 55 anos) tendo um uso mínimo de apenas uma ocorrência na faixa 3 (acima de 65 anos) já a forma não padrão objeto nulo, é a forma de retomada mais utilizada nas três faixas, sendo que a faixa 1 foi a que apresentou uma maior porcentagem da utilização do objeto nulo 87% contra 83% da faixa 2 e 84% da faixa 3. No geral, as faixas 1 e 3 foram as que menos utilizaram as formas padrão, ou seja, o clítico e o SN, pois ficaram em torno de 10% diferente da faixa 2 que ficou com 12%. As formas não-padrão, o pronome lexical e o objeto nulo, foram os mais usados também pelas faixas 1 e 3, em torno de 90%, enquanto a faixa 2 foi responsável por 88% das realizações do pronome e do objeto. A faixa 2 portanto foi a responsável pelo maior uso da forma padrão e menor uso da não-padrão, embora a maior preferência nas três faixas etárias tenha sido da forma não-padrão objeto nulo.

Tipo de estratégia/ sexo	Clítico	SN	Pronome lexical	Objeto nulo
Feminino	1/256 0,4%	25/256 10%	13/256 5%	217/256 85%
Masculino	0/0	9/85 10%	3/85 4%	7/85 82%

Tabela 3: Uso de estratégias de objeto anafórico, entre feirenses, de acordo com o sexo.

Na tabela 3, há a ocorrência do uso de um clítico pelas mulheres com uma porcentagem de 0,4%, enquanto os homens não utilizaram esta forma padrão. No uso do SN, ambos os sexos ficaram com 10% das realizações das estratégias de retomada do objeto direto, entende-se, portanto que as mulheres fizeram uso de mais estratégias padrão do que os

homens, em torno de 14% do uso do clítico acusativo e o SN anafórico e elas usaram SNs na mesma proporção que os homens.

Exemplos:

Clítico acusativo:

Eu achei realmente uma coisa maravilhosa por que na minha cidade não tem praia, então eu só via a praia pela TV, mas quando eu tive oportunidade de vê-la pessoalmente eu fiquei realmente encantado com a imensidão de água, é muito bonito, muito bonito mesmo!

SN anafórico:

– Ah, não sei o que, vou pagar só uma passagem, um vale dá pra pegar dois ônibus – aí fizeram isso e aquilo e o enxame nunca acaba e por que pegar dois ônibus.

Pronome lexical:

Então esse pé de árvore aí, tem que mandar cortar ele bem, e tem que deixar a luz acesa que esse poste ali a luz apagou, a árvore esconde e fica escuro.

Objeto nulo:

Né? E ele que não bateu o cadeado, né? Se tem a chave do cadeado pa sair pa fora, só ele que tinha__ , passaram, então passaram e deixaram a grade aberta.

Foi concluído a partir do trabalho realizado, bem como as tabelas aqui mostradas, que a pesquisa revela que, das quatro estratégias de retomada do objeto direto anafórico – o clítico acusativo, o SN anafórico, o pronome lexical e o objeto nulo – o clítico é a estratégia menos utilizada enquanto o objeto nulo a mais utilizada pelos falantes do dialeto popular de Feira de Santana.

REFERÊNCIAS

CYRINO, Sônia. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. e KATO, M. (1993) (orgs.). Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora UNICAMP.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo, Ática, 1997.